



EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE O SEMINÁRIO ACADÊMICO

Antonio Lairton Gomes Altino¹
Cícero Gabriel dos Santos²

RESUMO

O ingresso na educação superior exige adaptação quanto às formas de compreender, interpretar e organizar o conhecimento, que variam de acordo com áreas e disciplinas. O seminário possibilita a exploração e a seleção de fontes diversificadas de informação, em função do conteúdo e da finalidade pretendida na elaboração de sua execução, favorecendo o envolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, visto que assumem a posição de participantes e não apenas de espectadores. Objetivamos analisar experiências e percepções de estudantes de graduação sobre o seminário acadêmico, a partir de vivências de sala de aula. Para tanto, situamos o artigo no âmbito da Linguística Aplicada e reunimos estudos que têm discutido e concebido o seminário de diferentes formas, a saber: a) gênero textual (Bezerra, 2003 *apud* Meira; Silva, 2013b), b) exposição oral e gênero textual (Dolz, Schneuwly; Pietro; Zahnd, 2004), c) instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b), d) evento comunicativo e de letramento (Vieira, 2005) e, e) evento comunicativo (Meira; Silva, 2013b). Adotamos o modelo qualitativo de pesquisa para estudar os acontecimentos em seus contextos naturais (Denzin e Lincoln, 2006). Como *corpus* de análise, temos a transcrição de trechos das falas de 5 (cinco) estudantes que participaram de um curso de extensão. Os resultados parciais revelam que: a) os estudantes assumem diferentes concepções de seminário, porém complementares, e, que, b) os seminários são propostos para complementar e fixar os conteúdos das disciplinas.

Palavras-chave: Letramento acadêmico, Evento comunicativo, Seminário acadêmico.

INTRODUÇÃO

O ensino da oralidade é previsto nos documentos curriculares relacionados à língua portuguesa, mas, devido ao prestígio social da escrita, a escola, geralmente, despreza o trabalho com essa modalidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997) já apontavam a necessidade de a escola incluir na ação pedagógica a construção das competências de falar e ouvir de forma sistemática. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017) compreende que a oralidade reúne práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face: aula dialogada, webconferência, seminário, debate, entrevista, peça teatral, *podcasts* e vídeos, dentre outras.

¹ Graduando do Curso de Bacharelado em Agroindústria da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, antonio.lairton@estudantes.ufpb.br ;

² Doutor em Linguística. Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cicerogabriel.ufpb@gmail.com .

O seminário é sempre citado como uma atividade responsável pelo trabalho com a oralidade em sala de aula, seja na educação básica ou superior. Entretanto, muitas vezes, essa atividade é desenvolvida sem orientações prévias, levando os estudantes a concebê-la como a leitura em voz alta do material apresentado na lousa sobre um tema pesquisado, que culmina com um bate-papo. Por essa razão, o trabalho com uma atividade dessa natureza não pode ser realizado de qualquer jeito, pois exige a sistematização das etapas que a constituem sua elaboração: planejamento, execução e avaliação (Meira; Silva, 2013a). Nesse caso, os professores devem prever o tempo necessário à sua realização, para que seja entendida como uma atividade significativa, que possibilite a ampliação da formação pessoal e acadêmica, e não apenas como o cumprimento de uma tarefa para “ganhar nota”.

Neste artigo, temos por objetivo analisar experiências e percepções de estudantes de graduação sobre o seminário acadêmico, a partir de vivências de sala de aula. Assumimos a concepção de que o seminário é um “evento comunicativo” (Meira; Silva (2013b), assentamos o trabalho no âmbito da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2009) e adotamos o modelo qualitativo de pesquisa (Denzin e Lincoln, 2006). Como *corpus* de análise, temos a transcrição de trechos das falas de cinco estudantes que participaram de um curso de extensão. Além da introdução, da metodologia e das considerações finais, organizamos este trabalho em duas seções: a) Letramento ideológico: práticas sociais de uso da oralidade, da leitura e da escrita; b) Experiências e percepções sobre o seminário acadêmico: o que dizem os estudantes.

METODOLOGIA

Assentamos este artigo no âmbito da Linguística Aplicada – ciência de natureza transdisciplinar que visa atravessar fronteiras disciplinares – (Moita Lopes, 2009); adotamos o paradigma qualitativo, que consiste em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17) e caracterizamos esse trabalho como um estudo de caso, por focalizar percepções e experiências de estudantes de graduação sobre o seminário, que participaram de um curso de extensão.

Quanto à geração de dados oriundos da participação de estudantes em curso de extensão sobre a elaboração do seminário acadêmico, fora realizada uma roda de conversas com cinco estudantes de graduação³ de um *campus* universitário, localizado no interior

³ Cada um dos 05 estudantes representa o curso de graduação em que está matriculado regularmente (Bacharelado em Agroecologia, Bacharelado em Agroindústria, Bacharelado em Administração, Licenciatura em



paraibano, momento em que solicitamos a permissão para realizar a gravação em vídeo e posterior transcrição das falas dos participantes. Para a transcrição, tomamos por base as normas e critérios compilados por Marcuschi (2003) e o sistema de transcrição do Projeto NURC/PRETI (1986, 1987), com algumas adaptações.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Letramento ideológico: práticas sociais de uso oralidade, da leitura e da escrita

Nessa seção, consideramos importante refletir inicialmente sobre as práticas sociais de uso da oralidade, da leitura e da escrita. Street (2014) propõe uma reflexão sobre o letramento como prática social e destaca a natureza social e cultural da leitura e da escrita; propõe um “modelo ideológico” – contrapartida ao “modelo autônomo” – que considera apenas os aspectos técnicos do letramento, dando ênfase à correção escrita – , que, além de reunir aspectos técnicos da oralidade e da escrita, considera que as práticas letradas são inseparáveis das estruturas culturais e de poder em uma determinada sociedade. Assim, o letramento não pode ser entendido como um conjunto de habilidades individuais, apenas, pois compreende práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita, nas quais os indivíduos se envolvem no contexto social.

O antropólogo discute conceitos como eventos e práticas de letramento. Com base nos estudos de Heath (1982), afirma que o termo eventos de letramento está relacionado a uma situação em que “um trecho de escrita é essencial à natureza das interações sociais dos participantes e a seus processos interativos” (Street, 2014, p. 18). Nesse caso, quando a escrita se coloca como mediadora de uma atividade social, na qual os participantes estão interagindo por meio do texto escrito, a reunião de aspectos orais e escritos na situação comunicativa possibilita o evento de letramento. O segundo termo, para Street (2014), apresenta um sentido mais amplo do que a noção de eventos de letramento, pois reúne as ações dos participantes e suas concepções sociais e culturais. Dessa forma, as práticas de letramento estão relacionadas a crenças, valores, atitudes, relações culturais e sociais que subjazem as maneiras pelas quais os indivíduos “lindam com a leitura e a escrita” (Silva; Castanheira, 2019, p. 6), em diferentes situações sociocomunicativas.



No desenvolvimento das atividades da vida diária, circulamos por diferentes esferas de atividade/sociais⁴ e fazemos uso de diferentes gêneros orais e escritos. Nesse sentido, conhecer e utilizar alguns desses gêneros é uma maneira de o indivíduo interagir socialmente, porque o texto oral ou escrito representa uma atividade interativa de expressão, “de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele” (Antunes, 2003, p. 45). O ambiente acadêmico é uma esfera de atividade/social em que os estudantes lidam com diversos gêneros orais, dentre eles, o seminário acadêmico que possibilita a exploração e a seleção de fontes diversificadas de informação, em função do conteúdo e da finalidade pretendida na elaboração de sua execução, para favorecer o envolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, no que diz respeito às atividades com gêneros orais na sala de aula, Silva e Mori-de-Angelis (2003 *apud* Cavalcanti; Melo, 2007, p. 89) destacam que, “geralmente, as atividades com gêneros orais, quando muito, fornecem ao aluno apenas o nome do gênero a ser produzido [...], esperando que ele saiba desenvolver o trabalho”. Nas palavras de Cavalcanti e Melo (*op. cit.*), o êxito em uma atividade dessa natureza demanda orientações acerca dos contextos sociais de uso dos gêneros, além da familiarização com as características de cada gênero (composição estrutural, temática e linguística). Fundamentados em Meira e Silva (2013a), defendemos que somente um trabalho sistematizado que compreenda as etapas de planejamento, execução e avaliação poderá responder aos anseios dos estudantes quanto à mobilização de conhecimentos relativos à execução do seminário, tendo em vista o atendimento às expectativas de professores/propositores no contexto acadêmico. Visto que,

quando um aluno prepara uma apresentação oral, ele não só expõe em um determinado momento, mas se engaja em um processo que envolve ler várias fontes, tomar notas dessas fontes, escrever algumas ideias para apresentação, planejar uma estrutura por escrito, projetar um PowerPoint, ensaiar na frente do computador, entre outras ações (Montes; Navarro, 2019, p. 19, tradução nossa).

Portanto, o trabalho com o seminário requer a tomada de decisões estratégicas – leitura, seleção e registro das informações relevantes, elaboração de roteiro escrito, planejamento da apresentação gráfica e ensaio prévio à apresentação – que se coadunam para a concretização do momento de exposição oral.

⁴ Para Bakhtin (2011), a esfera de atividade/social é o princípio gerador e organizador dos gêneros, porque eles existem e são empregados de acordo com as condições específicas de cada esfera/campo.



Seminário: concepções e caracterização da estrutura composicional

Alguns estudiosos têm discutido e concebido o seminário de diferentes formas, porém essas concepções não são excludentes, mas complementares, a saber: a) gênero textual (Bezerra, 2003 *apud* Meira; Silva, 2013b), b) exposição oral e gênero textual (Schneuwly; Pietro; Zahnd, 2004), c) instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b), d) evento comunicativo e de letramento (Vieira, 2005) e, e) evento comunicativo (Meira; Silva, 2013b).

Bezerra (2003 *apud* Meira; Silva, 2013b, p. 8) assume “o posicionamento de seminário enquanto gênero textual, [...] destacando uma preocupação não apenas com os aspectos linguísticos [...] e com a passagem do conteúdo, mas com os aspectos culturais que circulam seus produtores”. Nessa perspectiva, o seminário, assentado em um material escrito, é entendido como uma forma de estudar e aprofundar um tema determinado por meio da discussão coletiva em sala de aula.

Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004, p. 184) associam, inicialmente, o seminário à exposição oral, uma das atividades orais recorrentes em sala de aula, definindo-a como “um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos”, que envolve “a exploração de fontes diversificadas de informação e um esquema destinado a sustentar a apresentação oral”. Aproximando-se da concepção assumida por Bezerra (2003 *apud* Meira; Silva, 2013b), esses autores ainda concebem a exposição oral como um gênero textual, com estrutura relativamente formal, que permite ao expositor dirigir-se de maneira estruturada a um auditório, tendo em vista transmitir-lhe informações. Para Meira e Silva (2013b, p. 9), conceber o seminário como exposição oral reduz as possibilidades de se compreender a complexidade de sua execução, porque “limita todo o desenvolvimento do seminário ao momento da execução, deixando de lado etapas importantes como o planejamento e a avaliação.

Ainda na década de 90, do século passado, o seminário passou a ser praticado na pós-graduação como uma prática pedagógica democrática, por permitir uma troca intelectual igualitária entre os participantes. Naquele contexto, era concebido como uma aula ministrada por um ou mais alunos a partir da apresentação de um tema e posterior discussão (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, *op. cit.*). Conforme esclarecem as autoras, a atividade passou a ser vista com as mesmas características de uma aula expositiva, aproximando-se da concepção de técnica, porque bastava-se substituir o professor pelos seminaristas, cabendo-lhe apenas corrigir o conteúdo abordado. Vieira (2005) atribui ao seminário a concepção de evento



comunicativo e de letramento inserido em práticas escolares que envolve além da linguagem outras modalidades de representação e de comunicação. Dessa forma, compreende que a construção de sentidos no seminário tem por base a escrita, a oralidade, os gestos, o tom da voz, as imagens e outros elementos que o configuram como uma atividade multimodal, que vai além de uma técnica de ensino.

Meira e Silva (2013b) defendem que o seminário não pode ser entendido como técnica ou simples momento de socialização de textos, com estratégias semelhantes à aula expositiva, mas como evento comunicativo situado em uma prática acadêmica, visto que para sua realização é preciso considerar toda a situação de comunicação, não somente o momento da execução; constatam que as diferentes formas de conceber os seminários são complementares e não excludentes. Assim, é possível afirmar que o seminário, além de assumir a forma de uma atividade oral perpassada e/ou constituída pela escrita, é constituído de diversos gêneros e envolve a reflexão sobre questões linguísticas, ideológicas e culturais. Assumimos com Meira e Silva (*op. cit.*, p. 13), que o seminário acadêmico é um “evento comunicativo” situado na esfera de trabalho/social acadêmica, porque, além de introduzir elementos constitutivos da interação face a face, reúne as noções de gênero textual, exposição oral, instrumento de aprendizagem/aula expositiva e evento comunicativo e de letramento.

Quanto à natureza de sua estrutura composicional, que não é fixa nem estanque, mas flexível, Meira e Silva (2013a) apresentam as etapas regulares que constituem o seminário e que representam marcas de auxílio para o encadeamento da fala, possibilitando a argumentação e contribuindo para a construção de uma produção oral coerente: abertura, fase instrumental e fechamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Experiências e percepções sobre o seminário acadêmico: o que dizem os estudantes

Nesta seção, estabelecemos 2 (dois) eixos temáticos norteadores da discussão e da análise dos dados, a saber: 1) Percepções sobre o seminário acadêmico; e, 2) Propostas didáticas e experiências de sala.



Percepções sobre o seminário acadêmico

É sabido que o seminário é sempre citado como uma atividade responsável pelo trabalho com a oralidade em sala de aula; que é utilizado, geralmente, como um instrumento de ensino-aprendizagem. Entretanto, muitas vezes, é desenvolvido sem orientações, levando os estudantes a concebê-lo de forma superficial, sem considerar a complexidade de sua realização. Nos excertos, a seguir, observamos indícios de como os estudantes concebem o seminário acadêmico, com base nas respostas atribuídas à pergunta: A partir da prática de elaboração e apresentação em sala, como você concebe o seminário? Vejamos:

Fragmento 01:

PRA MIM... como estudante de graduação é realmente muito importante... né? Hoje em dia eu não consigo mais enxergar o seminário apenas como uma técnica de/de falar... [...] e::: como um futuro bacharel sei que é muito importante para mim [...] tanto na parte de aprendizagem... também me ajuda a desenvolver a escrita... né? Nessa parte de preparação...

(Estudante A)

Fragmento 02:

Eu considero o seminário como uma forma de organizar o conhecimento... articular nossa fala é::: [...] Troca de conhecimento... organizar nosso conhecimento... organizar como falamos e a quem falamos.

(Estudante B)

Fragmento 03:

O seminário começa [...] no momento em que a gente escolhe o grupo... no momento em que a gente escolhe é::: recebe o tema. Ele é um trabalho riquíssimo porQUE::: desde o desenvolvimento dos slides da parte escrita... ATÉ o resultado final... Que seria a apresentação mesmo... né?

(Estudante C)

No excerto (01), ao declarar “*não consigo mais enxergar o seminário apenas como uma técnica de/de falar...*”, o Estudante A revela compreender que o seminário não pode ser configurado apenas como uma técnica “do bem falar” relativa à apresentação oral. Destaca a importância de uma atividade dessa natureza para a atuação profissional e reconhece que essa atividade envolve planejamento e o desenvolvimento da escrita que orientará o momento da exposição. Embora expresse a ideia de que o seminário enquanto atividade oral tem por base a escrita, essa concepção aproxima-se da visão apresentada por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), para quem o seminário é tomado, inicialmente, como sinônimo de exposição oral, limitando-o ao momento da apresentação/execução.

No fragmento (02), o seminário é apresentado como uma forma de “*organizar o conhecimento*” e de “*articular a fala*”. Essa concepção aproxima-se da noção de técnica/aula

expositiva, em que os estudantes ocupam o lugar do professor, ficando a cargo dele apenas corrigir o conteúdo apresentado (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b). Também caminha rumo à concepção de gênero textual defendida por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), a qual permite ao seminarista dirigir-se de maneira estruturada ao auditório, para transmitir-lhe informações.

No trecho (03), o Estudante C põe em evidência sua intenção de apresentar uma visão ampliada de seminário ao afirmar “*Ele é um trabalho riquíssimo porQUE::: desde o desenvolvimento dos slides da parte escrita... ATÉ o resultado final... Que seria a apresentação mesmo... né?*”. No entanto, essa concepção é semelhante àquela apresentada no primeiro exceto, isto é, o seminário é associado ao momento da exposição oral, não havendo preocupação com a etapa que antecede a apresentação (planejamento) e a etapa posterior (avaliação), apenas com a elaboração da apresentação gráfica (partes escrita expressa em slides). De modo semelhante ao Estudante A, o Estudante C entende que o seminário enquanto atividade oral é perpassado e/ou constituído pela escrita, o que representa um aspecto importante para sua elaboração.

Nesses trechos, não observamos o direcionamento para questões relativas ao planejamento e à avaliação do seminário, visto que as definições estão voltadas ao momento da execução, ou seja, da exposição oral. Com Meira e Silva (2013b), assumimos que o seminário não pode ser entendido como técnica ou simples momento de socialização de textos, é preciso considerar toda a situação de comunicação, não somente o momento da execução.

No fragmento seguinte, percebemos que o Estudante D inicia sua fala apontando a necessidade de planejar o seminário, anteriormente à sua execução. Em seguida, afirma que o seminário é uma estratégia de aprendizado. Vejamos:

Fragmento 04

O seminário para mim é::: começa muito antes da apresentação... né? Para a gente de administração... o seminário é uma estratégia de aprendizado [...]. Onde a gente difunde nossos conhecimentos... onde tem essa troca de aprendizado... [...] enquanto a gente expõe.

(Estudante D)

Conforme defendemos em Santos e Luiz (2019), com base em (Meira; Silva, 2013a), o seminário enquanto atividade oral envolve um trabalho sistematizado com as etapas de planejamento, execução e avaliação. Embora no trecho “*O seminário para mim é::: começa muito antes da apresentação... né?*” o estudante deixe transparecer a importância do

planejamento, no trecho seguinte “*o seminário é uma estratégia de aprendizado [...]*”, a sua fala vai ao encontro da concepção apresentada por Pinto (1999 *apud* Meira; Silva, 2013b), para quem o seminário é visto como instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva. Esse aspecto também pode ser observado nos trechos “*Onde a gente difunde nossos conhecimentos...*” e “[...] *enquanto a gente expõe*” que demonstra apenas a preocupação com a passagem do conteúdo e com uma posterior discussão.

No exceto seguinte, o Estudante E traz uma visão ampliada de seminário, mencionando as noções de gênero, execução, planejamento, argumentação, debate e avaliação. Concepção concernente à visão assumida por Meira e Silva (2013b). Vejamos:

Fragmento 05:

Eu vejo um seminário como um gênero... né? [...] Mas o seminário não é apenas aquele momento de execução em que a gente lança mão da oralidade... ELE TAMBÉM TEM a/a escrita... tem a argumentação... tem o planejamento... que vem antes de tudo isso... né? E também tem a questão da avaliação... Para mim... o seminário permite a discussão... [...] o debate... essa apropriação do que está se apresentando.

(Estudante E)

Embora não esclareça sua compreensão acerca de cada uma dessas noções, no trecho “*Eu vejo um seminário como um gênero... né?*”, ele aproxima sua concepção à noção apresentada por Bezerra (2003 *apud* Meira; Silva, 2013b), para quem o seminário é um gênero textual, que envolve não apenas a preocupação com aspectos linguísticos e com a passagem do conteúdo, mas com aspectos socioculturais. Quanto à noção de execução, deixamos entrever que o seminário não é representativo apenas do momento da apresentação, mas que reúne etapas importantes como o planejamento, o debate e a avaliação, além de ser uma atividade oral perpassada pela escrita.

A noção apresentada por aquele estudante aproxima-se daquilo que Meira e Silva (2013b, p. 13), definem como seminário: “um evento comunicativo” que reúne as noções de gênero textual, exposição oral, instrumento de aprendizagem/aula expositiva e evento comunicativo e de letramento. É válido destacar que ele participou de uma das edições do curso de extensão “Seminário escolar/acadêmico: planejamento, execução e avaliação”. Dessa forma, acreditamos que o percurso formativo tenha proporcionado essa reflexão acerca da noção apresentada em sua fala. A seguir, discutiremos as propostas didáticas e as experiências de sala com o seminário acadêmico

Propostas didáticas e experiências de sala

A organização de um seminário envolve o reconhecimento de uma estrutura relativamente padronizada, que reúne encontros para planejamento, para a reflexão sobre a didatização do conteúdo e a avaliação da atividade realizada. Uma atividade dessa natureza, requer um trabalho sistematizado e o reconhecimento das fases que a constituem: abertura, fase instrumental (didatização) e fechamento (Meira: Silva, 2013a). Os fragmentos, a seguir, versam sobre as propostas didáticas e as experiências de sala com a prática de elaboração e apresentação do seminário acadêmico, gerados das respostas atribuídas à pergunta: Como os seminários são propostos pelos professores? Vejamos:

Fragmento 06:

Muitos professores... eles jogam a responsabilidade de:: estudar determinado assunto e repassar pra/para o restante da turma [...]. Aí... na graduação... [...] quase sempre... a gente faz apresentações né? De assuntos que a gente não viu nas disciplinas... [...] Na/no meu curso... a gente não tem muito essa discussão sobre seminário... e aí a gente... EU... não vim com uma boa base do ensino médio... quando eu cheguei na graduação... nos primeiros períodos foi bem difícil... né?

(Estudante A)

Fragmento 07:

Na maioria das vezes acontece... é:: acontecem com a função de fixar o conhecimento... [...] Eles (professores) deixam que:: pegue um tema proposto... ou mesmo livre... mais envolvido no meio social... e deixam que nesses temas seja utilizada uma metodologia que a gente se sinta bem...

(Estudante B)

Nos excertos (06) e (07), os Estudantes A e B deixam transparecer que não há nenhuma orientação quanto à elaboração e apresentação do seminário. Esse aspecto é apresentado em (06), quando o Estudante A afirma que os alunos têm que “*estudar determinado assunto e repassar pra/para o restante da turma*”, ficando sob sua responsabilidade a compreensão e a transmissão do conteúdo. Verificamos situação semelhante em (07), no trecho “*Eles ((professores)) deixam que:: pegue um tema proposto... ou mesmo livre... [...]e deixam que nesses temas seja utilizada uma metodologia que a gente se sinta bem...*”. O que expressa a visão assumida pelos professores, ou seja, o seminário é visto como instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b).

Ainda em (06), no trecho “*quase sempre... a gente faz apresentações né? De assuntos que a gente não viu nas disciplinas...*”, o Estudante A acentua que o seminário é uma atividade recorrente, usada para complementar os conteúdos das disciplinas. No entanto, em

“Na/no meu curso... a gente não tem muito essa discussão sobre seminário...” ele revela a ausência de orientações prévias. Nesse caso, não se tem consciência de que as diferentes concepções teóricas encontradas nos textos científicos, no momento da execução do seminário, exigirão, além da apresentação expositiva, exemplificações práticas do assunto, sendo o seminário concebido como uma leitura do material projetado na lousa, excluindo dessas práticas a reflexão sobre as etapas importantes que constituem o seminário: o planejamento e a avaliação, conforme Meira e Silva (2013a).

A seguir, os Estudantes E, C e D deixam transparecer que as práticas relativas à proposição de seminários revelam as diferentes maneiras assumidas pelos professores. Vejamos:

Fragmento 08:

Quando a gente coloca os professores... [...] cada um tem uma percepção acerca de como fazer um seminário... né? Na licenciatura se fala muito em didatização... hoje é muito cobrado.

(Estudante E)

Fragmento 09:

O seminário é visto como uma ferramenta de aprendizagem muito boa... os professores utilizam bastante... [...] Mas cada professor tem uma metodologia diferente... né? Alguns trabalham com seminário somente pra utilizar o grupo pra passar o conteúdo pra turma e outros preparam e querem fazer mesmo um seminário.

(Estudante C)

Fragmento 10:

Pra mim foi um CHOQUE... [...] Depende do professor... do que propõe [...]. Já participei de seminários que:: professor queria também ((risos)) pra tapar buraco de disciplinas... mas também tinha professor que via como uma forma de avaliação do aluno...

(Estudante D)

Em (08), (09) e (10), os trechos “*cada um tem uma percepção acerca de como fazer um seminário... né?*”, “*cada professor tem uma metodologia diferente... né?*”, “*Depende do professor... do que propõe [...]*”, respectivamente. Reconhecemos que as diferentes culturas disciplinares possam interferir na propositura de uma atividade dessa natureza, que consiste em compreender, interpretar e organizar o conhecimento para transmiti-lo; mas, também, que o estabelecimento de uma estrutura relativamente padronizada, quando aplicada, permite uma melhor compreensão acerca da elaboração do seminário enquanto momento privilegiado de estudos, o qual exige o reconhecimento de etapas importantes para sua elaboração – planejamento, execução e avaliação – e os constituintes de sua estrutura – abertura, fase instrumental e fechamento –, conforme defendem Meira e Silva (2013a).



Os estudantes precisam ser guiados para o desenvolvimento de uma atividade tão complexa como o seminário acadêmico, por isso é preciso explicitar as “regras do jogo”, porque apenas a repetição de estratégias utilizadas pelos colegas de sala não garantirá uma aprendizagem significativa, nem, tão pouco, a compreensão do conteúdo pela equipe e, muito menos, pela turma.

Ainda nos excertos (09) e (10), observamos que as descrições dos Estudantes C e D deixam entrever que o modo como os seminários são propostos tem levado estudantes a compreendê-lo de maneira equivocada. Em (09), o trecho “*Alguns trabalham com seminário somente pra utilizar o grupo pra passar o conteúdo pra turma*” e, em (10), o trecho “*Já participei de seminários que::: professor queria também ((risos)) pra tapar buraco de disciplinas...*”, contribuem para a perpetuação da visão de que, quando proposto, o seminário se configura como o momento de o aluno “assumir” o lugar do professor para complementar o conteúdo da disciplina que não foi possível ministrar em tempo hábil.

É possível afirmar que a ausência explícita de critérios relativos à avaliação, por exemplo, colaboram para a continuidade dessa visão e impede o reconhecimento da importância do seminário no ambiente acadêmico para a autonomia do estudante. Em (09), o trecho “*e outros preparam e querem fazer mesmo um seminário*”, embora não esclareça como ocorre essa preparação, revela que, em alguns casos, há uma preocupação maior com a propositura de uma atividade dessa natureza. Em (10), o trecho “*mas também tinha professor que via como uma forma de avaliação do aluno...*”, observamos que, no ambiente pesquisado, permanece a concepção de seminário como instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, refletimos sobre experiências e percepções de estudantes de graduação sobre o seminário acadêmico, a partir de vivências de sala de aula. Para tanto, analisamos a transcrição de trechos das falas de 5 (cinco) estudantes que participaram de uma roda de conversas em um curso de extensão sobre a elaboração do seminário acadêmico. Elegemos 2 (dois) eixos norteadores da discussão e da análise dos dados: 1) Percepções sobre o seminário acadêmico; e, 2) Propostas didáticas e experiências de sala. Assumimos o seminário acadêmico como um “evento comunicativo” (Meira e Silva, 2013b, p. 13).

A discussão gerada no eixo “Percepções sobre o seminário acadêmico” demonstrou que os estudantes assumem diferentes concepções: seminário como sinônimo de exposição oral,



limitada ao momento da execução (Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004); seminário como técnica/aula expositiva e/ou como instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva, em que os alunos ocupam o lugar do professor (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b); seminário como gênero textual, que permite ao expositor dirigir-se de maneira estruturada ao auditório, para transmitir-lhe informações (Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd, 2004; Bezerra, 2003 *apud* Meira; Silva, 2013b). Essas concepções de alguma forma não são excludentes, visto que, conforme Meira e Silva (2013b), o seminário é “um evento comunicativo”, pois reúne as noções de técnica, gênero textual, exposição oral e de instrumento de aprendizagem/aula expositiva.

A discussão gerada no eixo “Propostas didáticas e experiências de sala” revelou que, embora seja uma atividade recorrente, geralmente, não há nenhuma orientação quanto à elaboração e à apresentação; que as diferentes culturas disciplinares podem interferir na propositura de seminários; que prevalece a concepção de que o seminário é instrumento de ensino-aprendizagem/aula expositiva (Pinto, 1999 *apud* Meira; Silva, 2013b); que a ausência explícita de critérios relativos à propositura contribui para a perpetuação da visão de que o seminário se configura como o momento em que o aluno “assume” o lugar do professor para complementar o conteúdo da disciplina que não foi possível ministrar em tempo hábil, para “ganhar nota”.

O trabalho com uma atividade dessa natureza não pode ser realizado de qualquer jeito, é preciso prever o tempo necessário à sua elaboração e realização; estabelecer critérios de avaliação para que seja entendida como uma atividade significativa, que possibilite a ampliação da formação pessoal e acadêmica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Assumindo a dimensão interacional da linguagem. *In: Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 39-105.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira Versão. Brasília. MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.



- CAVALCANTI, M. C. B.; MELO, C. T. V. de. Gêneros orais na escola. *In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTI, M. C. B. (Orgs.). Diversidade textual: os gêneros na sala de aula.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 89-102.
- DENZIN, K. N.; LINCOLN, Y. S. Introdução. *In: O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e aprendizagens.* Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.
- DOLZ, J.; SCHENEUWLY, B.; PIETRO, J. F.; ZAHND, G. A exposição oral. *In: SCHENEUWLY, B. DOLZ, J. Tradução e Organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 183-2012.
- MARCUSCHI, L. A. A transcrição das conversações. *In: Análise da conversação.* 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 9-13.
- MEIRA, G. H. S.; SILVA, W. M. da. Didatização de saberes no seminário escolar: o papel das unidades retóricas. *In: ARAUJO, D. L. de; SILVA, W. M. da. (Orgs.). Oralidade em foco: conceitos, descrição e experiências de ensino.* Campina Grande: Bagagem, 2013a, p. 77-138.
- MEIRA, G. H. F.; SILVA, W. M. da. Seminário acadêmico, mais que um gênero: um evento comunicativo. *In: Anais do IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística – SILEL.* 14 p., v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013b. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1434.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.
- MOITA LOPES, L. P. da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In: PEREIRA, R. C.; ROCHA, P. (Orgs.). Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos.* São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 11-24.
- MONTES, S.; NAVARRO, F. Hablar, dialogar y persuadir: retórica de la comunicacion oral em contextos acadêmicos. *In: Hablar, persuadir, aprender: manual para la comunicacion oral em contextos acadêmicos.* Chile: Ograma Impressores, 2019, p. 16-27.
- PRETI, D. Apresentação. *In: CASTILHO, A. T. de.; PRETI, D. (Orgs.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo.* São Paulo: T.A. Queiroz, 1986/1987, p. 1-12.
- SANTOS, C. G. dos.; LUIZ, M. J. da Silva. O seminário escolar: apresentação de uma experiências didática desenvolvida na monitoria da disciplina Redação Técnica. *In: Martins, T. D. D. et al. (Orgs.). Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: práticas educativas e contextualizada.* João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 77-94.
- SILVA, E. M. da; CASTANHEIRA, M. L. Práticas de letramento acadêmico: uma análise das condições de produção da escrita em cursos de graduação. *Diálogo das Letras*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 2–21, 2019. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/519>. Acesso em: 15 jun. 2023.



STREET, B. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VIEIRA, A. R. F. **O seminário:** um evento de letramento escolar. 2005. 164 f. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE.

Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7981/1/arquivo8416_1.pdf. Acesso em: 26 abr. 2023.